

ALGUNS DISCURSOS ACERCA DA FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS

05/2008

João José Bignetti Bechara
LATEC/UFRJ e Teachware Consulting (bechara@teachware.com.br)

Cristina Jasbinschek Haguenauer
LATEC/UFRJ e Escola de Comunicação/UFRJ (cristina@latec.ufrj.br)

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: Educação Continuada em Geral

Natureza do Trabalho: Relatório de Pesquisa

Classe: Investigação Científica

RESUMO: *Este trabalho apresenta resultados da pesquisa que buscou identificar as estratégias de ensino-aprendizagem e os recursos funcionais disponíveis em ambientes virtuais mais eficientes na promoção da aprendizagem a distância mediada pela tecnologia. Empregou-se o procedimento metodológico do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) junto a pesquisadores atuantes em educação a distância. Os discursos indicam que não se pode apontar uma estratégia de ensino-aprendizagem, ou teoria da instrução, como sendo, a priori, a mais eficiente, sem considerar o contexto onde será promovida a experiência didática. Mesmo considerando a mediação tecnológica e as possibilidades de rede, não se pode afirmar que seja necessária uma nova teoria específica para a aprendizagem on-line. Os resultados indicam que a questão maior é a da aplicação dos corpos teóricos existentes através de práticas pedagógicas adequadas. Os discursos indicam também que não se pode eleger um recurso funcional que consistentemente apresente um melhor desempenho em ambientes virtuais, já que sua eficiência depende do objetivo educacional, do perfil do aprendiz, da atitude do professor bem como da forma concebida para sua utilização. Os discursos apontam ainda para a inexistência de uma relação direta entre uma estratégia de ensino-aprendizagem e o desempenho dos recursos disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem.*

PALAVRAS-CHAVE: *Pedagogia, Aprendizagem on-line*

Introdução

A pesquisa conduzida por Bechara (2006) buscou identificar as estratégias de ensino-aprendizagem e os recursos funcionais disponíveis em ambientes virtuais mais eficientes na promoção da aprendizagem a distância mediada pela tecnologia.

Nessa investigação, optou-se pela abordagem qualitativa com apoio teórico da fenomenologia, sendo, portanto, uma pesquisa de natureza essencialmente descritiva.

Procedimentos Metodológicos

Uma crítica ao procedimento metodológico utilizado normalmente nas pesquisas sociais reside no pressuposto de que o pensamento coletivo ou o caráter coletivo do pensamento social pode ser representado pela “quantidade de escolhas de um determinado conjunto de alternativas, por um conjunto de indivíduos pertencentes a uma dada comunidade” (Lefèvre; Lefèvre, 2004).

Ao contrário, os pensamentos, as idéias, as opiniões de indivíduos e coletividades são muito melhor e muito mais adequadamente descritos quando são coletados, processados e apresentados sob a forma de discurso (Lefèvre; Lefèvre, 2003, p.14).

Mantendo nosso interesse no terreno das pesquisas empíricas envolvendo pessoas e a coleta de depoimentos, a questão que emerge é a de como obter, em escala coletiva, as descrições de pensamentos, crenças e valores, todos esses de caráter essencialmente discursivo. Ou, dito de outra forma, como produzir algum tipo de “soma de discursos”. O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) representa uma abordagem metodológica que busca justamente produzir essa soma qualitativa de pensamentos.

Para Lefèvre e Lefèvre (2003, p.38), quando a extensão do universo pesquisado impede uma investigação qualitativa integral com toda a população, “o pesquisador pode proceder a uma escolha intencional dos sujeitos a serem pesquisados”.

Desta forma, elaborou-se, inicialmente, uma lista de pesquisadores atuantes em educação a distância, com produção científica relevante, envolvidos com o desenvolvimento de programas de formação de adultos, e que utilizam ambientes virtuais na mediação pedagógica. Buscou-se também a variabilidade da amostra, a representatividade dos sujeitos e a dispersão geográfica.

Ao discorrer sobre as abordagens alternativas de entrevista como técnica de coleta de dados, Thiollent (1980, p.79-80) critica as entrevistas “dirigidas”, que normalmente representam apenas o momento de aplicação de um questionário-padrão. Portanto, foi também elaborado um roteiro de apoio para orientação das

entrevistas semi-estruturadas através dos tópicos principais a serem cobertos (Lüdke e André, 1986, p.36).

Seguindo a recomendação de vários autores (Triviños, 1987, p.148; Lefèvre; Lefèvre, 2003, p.46; Lüdke e André, 1986, p.37) o registro de todas as entrevistas foi realizado através de gravação direta de áudio, com posterior transcrição integral e literal.

Para a construção dos Discursos do Sujeito Coletivo, primeiramente grupamos as idéias centrais de mesmo sentido, sentido equivalente ou complementar. Depois, criamos uma denominação para cada um desses grupamentos, o que, na prática, corresponde a criar uma idéia central síntese, que expresse, da melhor forma possível, as idéias centrais de mesmo sentido.

Na construção dos DSCs propriamente ditos, um para cada grupamento de idéias centrais, passamos a “discursivar” ou seqüenciar as expressões-chave correspondentes.

Para cada questão de estudo, é apresentado um quadro síntese com as idéias centrais sugeridas na análise das respostas. Em seguida, são apresentados os DSCs correspondentes a cada idéia central mostrada no quadro síntese (Bechara, 2006).

QUESTÃO 1: Que estratégias de ensino-aprendizagem são mais eficientes em programas educacionais baseados em ambientes virtuais de aprendizagem? E em quais teorias da instrução elas estão fundamentadas?

DSC1: Nenhuma teoria pode ser aplicada diretamente sem considerar o contexto.

DSC2: Devemos considerar o meio virtual, mas isso não chega a ser uma nova teoria.

DSC3: A questão maior são as práticas pedagógicas, e não o modelo teórico.

DSC4: A eficiência das estratégias não depende da modalidade educacional, o que muda é a forma de comunicação.

QUESTÃO 2: Dentre os recursos funcionais típicos dos ambientes virtuais, quais os mais eficientes para a promoção da aprendizagem?

DSC1: Não existe um recurso melhor. A eficiência depende do objetivo educacional, do perfil do aprendiz, do professor, e de como o recurso é utilizado.

DSC2: Não existe uma relação direta entre a estratégia de ensino-aprendizagem adotada e o desempenho dos recursos, e faltam estudos sobre as características cognitivas dos mesmos.

DSC3: Apesar da sua riqueza, alguns assuntos podem ser mais adequadamente trabalhados por ferramentas de discussão do que outros.

Quadro 1 – Idéias centrais síntese

Discursos relativos às estratégias de ensino-aprendizagem

DSC1: Nenhuma teoria pode ser aplicada diretamente sem considerar o contexto

“Nada pode ser aplicado diretamente, pois as próprias teorias de aprendizagem não são aplicáveis diretamente, nem mesmo na sala de aula. Não existe a melhor estratégia para todas as situações. Cada caso é um caso, o que vai ditar a melhor estratégia pedagógica ou didática é o contexto. Além disso, nem vejo muita necessidade em se ter uma teoria de aprendizagem para usar especificamente.

Devemos olhar cada situação de aprendizagem, dentro do contexto, e contextualizar inclusive na educação, seja com sala de aula, seja no ambiente virtual. Em conclusão, em qualquer trabalho educativo que façamos, a coisa mais importante, mais do que o ambiente, é ter um projeto pedagógico.”

DSC2: Devemos considerar o meio virtual, mas isso não chega a ser uma nova teoria

“O ambiente virtual é uma outra realidade, uma outra dimensão. Onde você tem uma outra relação de tempo/espço, de envolvimento das pessoas. É por isso que pedagogos, tecnólogos, administradores, gestores, engenheiros, comunicadores e etc, estão procurando alguma pedagogia on-line. E essas teorias podem não tentar superar as outras, mas tentar resolver problemas que as outras não conseguiram, pequenos problemas, buscando construir uma pedagogia para o meio virtual, considerando a mediação tecnológica, considerando as possibilidades de rede e de tecnologia de informação.

Desta forma, sentimos que estamos fazendo alguma coisa diferente, não fazemos mais aquilo do jeito como era. Mas daí a dizer que se trata de uma teoria, acho que vai um tempo, uma maturidade teórica, um aprofundamento teórico e uma sistematização.”

DSC3: A questão maior são as práticas pedagógicas, e não o modelo teórico

“A questão maior talvez não seja se a gente precisa de uma teoria nova. As teorias, os modelos, os grandes corpos teóricos que a gente usa na educação, por exemplo: sócio-interacionismo, construtivismo, behaviorismo, podem ser usadas sem problema algum. Você pode utilizar um modelo sócio-interacionista, ou um modelo construtivista, num curso que é fortemente mediado por tecnologia da informação e comunicação. A questão é como você vai fazer isso.

De modo geral, você tem a filosofia de educação, que é uma coisa - a filosofia sustenta os grandes modelos que se vai trabalhar. Agora, uma vez que se tenha os modelos, você precisa das práticas pedagógicas. E é neste ponto que

existe um gap. Portanto, não é questão do modelo teórico, nem é questão do ambiente não se adequar, mas de como a prática pedagógica é concebida.”

DSC4: A eficiência das estratégias não depende da modalidade educacional, o que muda é a forma de comunicação

“Quando focamos no ensino de qualidade, não deve haver diferença entre a metodologia utilizada no ensino presencial e a distância. As metodologias mais eficientes no ensino presencial são também as mais adequadas ao ensino a distância. Por exemplo, pedagogia por projetos, trabalho colaborativo, inteligências múltiplas, resolução de problemas, desenvolvimento de competências, autonomia, pró-atividade, aprender a aprender, são métodos, técnicas, estratégias e posturas que devem ser utilizados tanto no ensino presencial quanto no ensino a distância.

Essas abordagens não surgiram nem são exclusivas da EAD. Pelo contrário, são extremamente eficientes no ensino presencial. O que muda basicamente, não é a metodologia de ensino, mas a forma de comunicação. As estratégias de ensino devem incorporar as novas formas de comunicação e também incorporar o potencial de informação da internet.”

Discursos relativos aos recursos funcionais encontrados nos ambientes virtuais

DSC1: Não existe um recurso melhor. A eficiência depende do objetivo educacional, do perfil do aprendiz, do professor, e de como o recurso é utilizado

“O que temos que evitar é achar que existe uma melhor ferramenta, o melhor é a qualidade. Por exemplo, eu preciso primeiro mergulhar dentro do universo do aluno, do que é, como ele pensa, como ele é. Eu tenho que saber quem são estes alunos, de onde vêm, o que eles esperam, qual a base que têm. Para que, então, eu possa saber como vou interagir neste processo, fazendo a mediação entre conteúdo/aluno, e o meu grupo de trabalho.

A eficiência do recurso também depende do professor, que passa a ter uma importância muito grande, dele saber garantir este espaço de reflexão. Para ele saber formular perguntas, ele precisa saber muito bem do conhecimento em si, mas ele precisa saber muito bem como a pergunta vai desencadear um processo de reflexão do aluno.

Também acho que a eficiência depende de como seja conduzido (o recurso), tudo depende. Você pode colocar qualquer coisa de sua teoria em qualquer ferramenta, mas a dimensão com que você faz isto, vai depender da qualidade da ferramenta. Vai depender também, do que você tem como objetivo.”

DSC2: Não existe uma relação direta entre a estratégia de ensino-aprendizagem adotada e o desempenho dos recursos, e faltam estudos sobre as características cognitivas dos mesmos

“Uma dada ferramenta que é neutra, como um chat, pode ser utilizada com um comportamento que vem direto do behaviorismo, como elemento condicionante (por exemplo, quando o tutor impõe uma resposta certa ao aluno). E a mesma ferramenta de chat pode ser utilizada como um instigador, por exemplo, de criatividade, uma ferramenta sócio-construtivista (quando o tutor, ao invés de impor uma resposta, provoca os alunos para que eles apresentem as diferentes opiniões e comecem a confrontá-las).

Acho que faltam estudos para saber, por exemplo, quais são as características cognitivas de um chat? Quais são os pontos fortes de um chat? Quais são os pontos fracos de um chat? Quem consegue comparar, por exemplo, a eficácia de um fórum, comparado com um e-mail, quando eu quero fazer uma atividade sócio-interacionista? Ninguém tem um artigo a respeito. Não existe. Ninguém fez. Então, o que acontece, quem faz, faz de forma empírica.

E vou mais longe. Seria muito importante que nós tivéssemos uma espécie de handbook, para saber o desempenho dessas ferramentas tecnológicas para eu poder, como docente, escolher o que eu preciso, para um determinado objetivo pedagógico.”

DSC3: Apesar da sua riqueza, alguns assuntos podem ser mais adequadamente trabalhados por ferramentas de discussão do que outros.

“A internet permite a existência de vários vetores de comunicação simultaneamente (todos para todos, todos para um, um para todos), a conexão em rede (várias pessoas ao mesmo tempo) e o fluxo de documentos. Desta forma, as possibilidades de interação entre os participantes são bastante diversificadas e ampliadas. Neste contexto, acho que a estratégia mais difundida é a discussão. Chat e o fórum de discussão.. A discussão embute muita coisa, então, é uma atividade muito rica para se fazer. Mas não podemos também limitar a aprendizagem à isto. Muitas vezes isto é uma coisa que também está sendo confundida. As pessoas acham que isto é construtivista, ir em um fórum dizer um coisa e deixar a coisa correr indefinidamente, para ver no que dá.

Mas o uso da discussão depende do assunto. Eu ensino circuitos na graduação e não consigo discutir um assunto deste no fórum. Acho até que o fórum é uma maneira de enriquecer o curso de engenharia, pois o curso da muita informação e não da uma formação geral para o engenheiro e nem o papel do engenheiro na sociedade. Então, uso o fórum para discutir assuntos correlacionados. Um dos fóruns que gosto de discutir é a escolha da profissão do engenheiro, porque aquela turma escolheu fazer engenharia e depois, porque ele escolheu fazer elétrica, automação ou computação. Acho que fórum serve para este tipo de discussão. Já discutimos a história da engenharia elétrica, a evolução. Uso o fórum para isto, pois dentro da engenharia não temos espaço para estas discussões.”

Conclusões

Segundo Bechara (2006), a análise dos discursos dos sujeitos abordados indica que não podemos elencar uma estratégia de ensino-aprendizagem ou teoria da instrução como sendo, *a priori*, a mais eficiente para uso em programas educacionais baseados em ambientes virtuais de aprendizagem. Nenhuma teoria pode ser aplicada diretamente sem considerar o contexto onde será promovida a experiência didática.

Embora reconhecendo que na concepção de programas educacionais já se esteja considerando as particularidades existentes no meio virtual, tais como a mediação tecnológica e as possibilidades de rede, não se pode afirmar que seja necessária uma nova teoria específica para a aprendizagem on-line. Os resultados indicaram que a questão maior é a da aplicação dos modelos teóricos existentes através de práticas pedagógicas adequadas.

A eficiência das estratégias de ensino-aprendizagem independe da modalidade educativa selecionada, presencial ou a distância. O que muda nesta última é a forma de comunicação.

Com relação aos recursos funcionais disponíveis em ambientes virtuais de aprendizagem (tais como fóruns de discussão, salas de chat, etc.), também não se pode apontar aquele que consistentemente apresente melhor desempenho, uma vez que sua eficiência depende do objetivo educacional, do perfil do aprendiz, da atitude do professor bem como da forma concebida para a sua utilização.

Os discursos apontaram para a inexistência de uma relação direta entre a estratégia de ensino-aprendizagem adotada e o desempenho dos recursos funcionais disponíveis nos ambientes virtuais. Esse desempenho está mais relacionado ao tipo de habilidade que se queira trabalhar com os alunos. Além disso, carecemos de estudos mais aprofundados sobre as características cognitivas desses recursos.

Também foi apontado no estudo que, apesar de tudo o potencial interacionista das ferramentas de discussão, alguns assuntos são mais adequadamente tratados por esses recursos do que outros.

Referências Bibliográficas

- BECHARA, João José Bignetti. **Aprendizagem em ambientes virtuais: estamos utilizando as pedagogias mais adequadas?** 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- LEFÈVRE, Fernando e LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003
- LEFÈVRE, Fernando e LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O pensamento coletivo como soma qualitativa**. Faculdade de Saúde Pública da USP. São

Paulo, 2004. Disponível em:

<<http://www.fsp.usp.br/~flefevre/soma%20qualitativa>

[%209%20de%20fevereiro%20de%202004.htm](http://www.fsp.usp.br/~flefevre/soma%20qualitativa)>. Acesso em: 21 jun.2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.